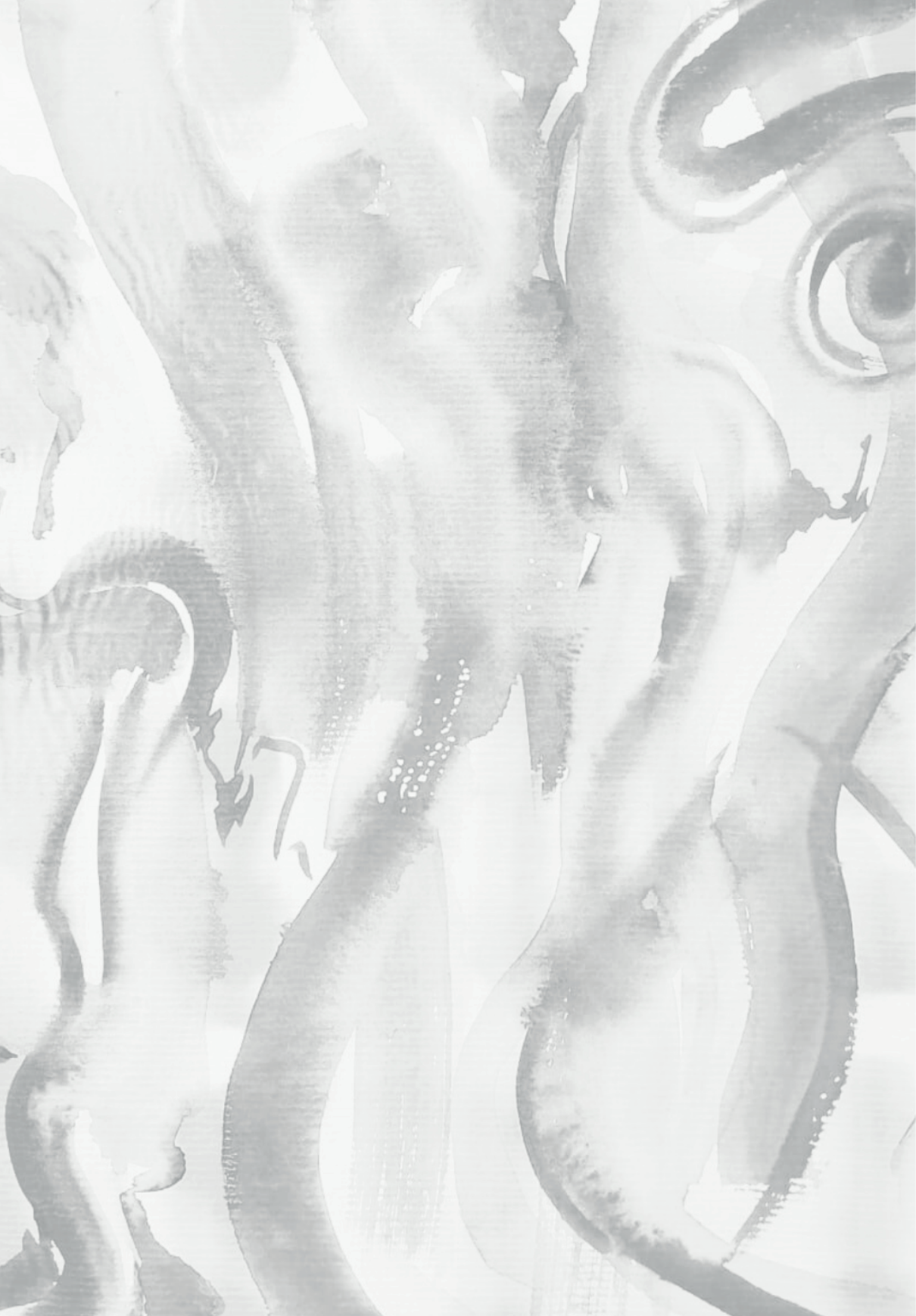


Capítulo 7

MEMORIAL

Eliane Carrapateira Ribeiro (CBNB)





MEMORIAL

Sou Eliane Carrapateira Ribeiro, nasci no ano de 1951 no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, no Hospital da Cruz Vermelha, localizado no Centro do Rio. Filha de Gilberto Ribeiro que foi Policial Federal e Ventura Carrapateira Ribeiro, Professora Primária.

Cresci no bairro do Grajaú, que fica no subúrbio do Rio de Janeiro, sempre ao lado de minha irmã caçula Rosane (1954). Ambas estudamos no Colégio Estadual Duque de Caxias, no próprio bairro do Grajaú.

Para chegar ao colégio, eu e minha irmã caminhávamos nove quadras que iam da nossa casa até ele e íamos sozinhas, com nossas pastas e lancheiras seguindo pelas alamedas de Tamarineiras que sombreavam o caminho. De vez em quando comíamos seus frutos azedinhos. Eram outros tempos, outra segurança que nos permitia caminhar sós. Atualmente, nossos netos pequenos dificilmente caminham sós até suas escolas.

Todo o período do primário foi feito nesse Colégio Estadual Duque de Caxias. Nessa época havia racionamento de luz. Minha querida avó Penha morava conosco e tinha como distração ouvir as novelas do rádio. Mas quando havia o racionamento, eu lia à luz de velas, os romances da época para ela, e nos encantávamos com as histórias do “O Guarani”, “Iracema, a virgem dos lábios de mel”, a Cabana do Pai Tomás e outros.

A cumplicidade da magia das leituras compartilhadas, aproximou mais ainda eu e minha saudosa avó Penha.

Figura 1: período do primário no Colégio Estadual Duque de Caxias



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Fiz o que chamavam na época de “Admissão” no Colégio H.C. Anderson, também no Grajaú. Esse curso antecedia o “Ginásio” e foi um reforço para meus conhecimentos. Ali conheci a professora Rosely que me mostrou o caminho para gostar de Matemática, me fazendo ver que não era nenhum “bicho papão”. A partir daí minhas notas nessa matéria passam a melhorar.

A professora Rosely também foi a primeira que me incentivou a me desenvolver na arte de desenhar por perceber em mim talento e paixão. Ela me deu o primeiro livro de Técnicas em desenho.

No bairro do Grajaú só havia Ginásio particular, então meus pais me matricularam no Colégio Estadual Orsina da Fonseca, no bairro da Tijuca, na Rua São Francisco Xavier. Passei então a ir de ônibus para o colégio, uma novidade para mim.

Era um colégio de grande porte e tinha uma estrutura diferente da que eu conhecia. O prédio tinha uma enorme rampa de acesso às salas de aulas no 2º andar. Me lembro do meu primeiro dia de aula, pois estava chorando muito. Fui com minha mãe Ventura que de longe ficou me acenando e me encorajando a adentrar naquele novo universo de aprendizado.

No prédio novo as salas se sucediam iguais ao longo do grande corredor. Mas havia também o prédio antigo e suas salas avarandadas que eram então usadas como Oficinas Profissionalizantes de costura, de bordado e de culinária.

Neste colégio fiz parte da equipe de Vôlei e de Ginástica Rítmica, onde me destacava pela facilidade de movimentos que eu tinha pela prática da Yoga desde pequena. Nos apresentávamos em outros colégios e até no Maracanãzinho.

Terminado o Ginásio precisei decidir a minha área de interesse para continuidade dos meus estudos. Havia os cursos Científico e Clássico. O primeiro para exatas e o outro para humanas. Decidi me preparar e fazer o vestibular para Arquitetura aplicando minha paixão pelo desenho.

Desta forma, sai do Colégio Estadual Orsina da Fonseca e ingressei no Curso pré vestibular Fisk (particular) passando a me preparar para o vestibular em Arquitetura. As aulas eram totalmente voltadas para o vestibular específico.

Na época nós podíamos escolher 2 opções no vestibular. Escolhi como 1ª opção a Arquitetura e como 2ª opção a Escola de Belas Artes, ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Fui aprovada em 4º lugar na Escola de Belas Artes/UFRJ.

Minha família não tinha condições de pagar mais uma vez um curso preparatório para vestibular em Arquitetura. Resolvi então fazer a ESCOLA DE BELAS ARTES (EBA) – UFRJ na Av. Rio Branco, com Araújo Porto Alegre, Centro do Rio, vizinhos ao Teatro Municipal do R.J. e à Biblioteca Nacional e próximo ao Palácio Gustavo Capanema e outros prédios históricos. Coração do Rio efervescente dos acontecimentos culturais.

Eis que me encanto com os estudos da Belas Artes e após o 1º período opto pelo curso de Licenciatura de Desenho e Plástica para vir a lecionar Arte como profissão.

A Belas Artes fervilhava de atividades. Fazíamos exposições e os visitantes iam chegando com facilidade visto a Rua Araújo Porto Alegre (entrada da Escola) ser passagem de multidões diariamente.

A entrada pela Av. Rio Branco dava acesso ao Museu Nacional de Belas Artes, que ocupava metade do prédio, sendo a outra metade ocupada com a Escola de Belas Artes.

Também éramos cercados por lojas e papelarias especializadas em materiais próprios para artistas, arquitetos, engenheiros, etc. Essa proximidade a materiais e acontecimentos culturais era muito boa.

Dois anos após meu ingresso na faculdade, a Escola de Belas Artes foi transferida para a Ilha do Fundão, sendo alojada no prédio da Arquitetura e Urbanismo, que também era e é a Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Saímos de um prédio histórico projetado para ser o que era, uma Escola de Belas Artes, com longos e largos corredores de pé direito altíssimos e lotados de nichos com estátuas neoclássicas, cópias dos originais, que eram inspirações dos estudos de nossos desenhos artísticos.

O estudo das matérias (Plástica, Cultura Contemporânea, Sistema Geométrico de Representação, Desenho Artístico, Análise de Materiais Expressivos, Desenho Anatômico, História da Arte, Desenho Técnico, Estudo de Problemas Brasileiros, Estética, Criação de Forma, Expressões em Superfícies, Volumes e movimentos) ocorriam nas salas imensas que, se falassem, contariam histórias antigas de alunos e professores ilustres que por lá passaram.

Porém, uma sala ambiente me chamava a atenção em especial: a sala de aula de Desenho Anatômico / Modelo vivo. Semelhante a um anfiteatro em meia lua, subia em largos degraus pelo pé direito altíssimo. As pranchetas inclináveis e suas cadeiras iam se organizando nesses degraus

de tal maneira que nenhum ângulo de visão era igual, todos voltados focando o pequeno tablado central onde os modelos se postavam, em poses determinadas pela professora.

As modelos eram senhoras de corpos mais volumosos e muitas dobras para melhor exercitarmos nossa observação e aplicarmos técnicas dos desenhos como luz e sombra, texturas, cores, proporções, tridimensionalidade e outros.

Com frequência as modelos eram: a Maria, que tinha um jeito meio triste de estar; e a Baiana mais opulenta e risonha e que desfilava na Mangueira. As duas se alternavam em nossos estudos, de anatomia.

Num dia, em que a professora havia saído e nós aguardávamos o retorno dela esperando pela modelo daquela aula, um rapaz entrou nesta sala de modelo vivo. Podia ser um novo colega de turma. Ele era jovem, loiro e muito bonito. Entrou, subiu no tablado central e, naturalmente tirou toda a roupa e ficou nu, buscando por si uma boa pose, enquanto a turma atônita reagia e buscava também o melhor ângulo de observação para dar início ao desenho do 1º modelo vivo masculino e nu!

Farfalha de folhas, ranger de pranchetas, lápis apontados e aos poucos todos começaram a esticar braços e com os lápis em riste, tomar ciência, marcar e transferir as proporções do rapaz para as folhas de papel. Acredito que, praticamente, a turma toda estava, como eu, agradavelmente surpresa e satisfeita com a novidade.

Daí volta a professora que scandalizada grita e manda o Deus Grego se vestir imediatamente! Ele era a personificação de uma das muitas estátuas de nossos largos corredores. E, ele custa a entender as ordens dadas. Depois descobrimos que ele havia sido marinheiro, estrangeiro, desembarcado há pouco e que estava acostumado a ganhar uns trocados posando nu nas escolas de desenho por onde passava.

E lá se foi ele chateado e sem entender tamanho escândalo por coisa tão simples. Tivemos que concordar com ele. A professora explicou que o regulamento da EBA não permitia homens como modelos vivos e nus, só mulheres podiam posar nuas para nós. Homens não! Voltamos a desenhar Marias e Baianas conscientes de que o velho ranço de regulamentos antiquados, preconceituosos e machistas iam demorar um tanto para serem vencidos.

Saímos do prédio histórico das salas ambientes, dos amplos salões, dos largos corredores, com suas estátuas (inclusive a Vitória de Samotrácia), das oficinas várias que desembocavam nos jardins internos, dos porões com salas de desenho artístico e sótãos que o elevador pantográfico ia nos levando e sacudindo até os ateliers de Pintura, e lá do alto víamos os telhados do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Parecíamos estar na Europa olhando o Teatro Municipal de igual para igual.

Dáí, por interesses vários, inclusive políticos, somos despejados do prédio histórico e todo o seu clima próprio de Arte, para nos alojarmos no prédio da Arquitetura e Urbanismo com suas salas de aulas retangulares, regulares, semelhantes e convencionais, espaços reduzidos recebendo uma ESCOLA DE BELAS ARTES nada convencional, mas que estava sendo reduzida. Tivemos que nos adaptar.

Nada mais de efervescência de pessoas estudando e nos incitando nas exposições e palestras. Nada mais da facilidade de acesso aos materiais necessários sendo o próprio acesso à faculdade dificultado por escasso número de transporte público para o tanto de alunos. Não se parecia mais com Belas Artes. Tivemos que reinventar.

Nesse prédio de Arquitetura e Urbanismo que também é o prédio da Reitoria da UFRJ, terminei minha 1ª graduação, em Licenciatura Plena em Desenho e Plástica pela EBA / UFRJ, no ano de 1975.

Em 1975 eu já estava trabalhando como desenhista para o setor de ARQUITETURA E URBANISMO DA PREFEITURA DE NITERÓI, relação iniciada há poucos anos atrás quando estive trabalhando como estagiária de ESCOLA DE BELAS ARTES. Nesse momento estava noiva de Roberto Brisolla Diuana (Psiquiatra e Tenente Médico da Aeronáutica) e com o casamento marcado para 1977.

Ainda assim, ingressei no Curso de Pintura da EBA / UFRJ atendendo antigo desejo de fazê-lo e este curso viria a ser minha segunda graduação.

Os ateliers de Pintura ficavam no 7º andar do prédio da Arquitetura, assim como as aulas de Restauração com o famoso prof. Edson Motta. As outras aulas se distribuíam por 2 andares restantes em salas convencionais.

O casamento chegou. Roberto, em início de carreira como médico Psiquiatra da Aeronáutica (passou em 2º lugar no concurso) seria transferido para São Paulo, onde passaríamos a morar, estávamos em 1977.

Desta forma, pedi demissão do trabalho como desenhista de arquitetura na Prefeitura de Niterói e também tranquei minha matrícula no curso de Pintura na EBA / UFRJ.

Após o casamento partimos então para São Paulo capital. Fomos morar num apartamento do bairro Indianópolis, cujas ruas todas tinham nomes indígenas. A nossa rua era a Alameda dos Uapés. Das janelas dos quartos vislumbrávamos o Centro de São Paulo com o desfile de seus prédios desiguais formando uma selva de concreto armado, enquanto entre nós ficava o verde do Parque Ibirapuera.

De início tudo era novidade, e estava ótimo. Ora eu cuidava da casa e das coisas pertinentes e ora viajávamos com novos amigos militares também. Campos do Jordão, Itatiaia, Itú e outros tantos lugares foram ótimos de conhecer e os restaurantes então, nem se fala. Maravilhosos. A vida ia seguindo.

Mas, eu estava ficando enjoada. Enquanto o marido trabalhava no hospital e fazia plantões também, eu começava a perceber que a inatividade estava gerando insatisfação. Conversamos e resolvi voltar a estudar e trabalhar.

Na USP (Escola de Comunicação e Arte) fiz Curso de Especialização em Sociologia de Arte. Porém, o colégio que procurei, não obtive sucesso, pois não aceitaram meu diploma de Belas Artes / UFRJ como completo para eu trabalhar com Educação Artística. Faltavam matérias essenciais que eu não havia feito de fato.

Então me inscrevi e ingressei na FEBASP/FACULDADE e ESCOLA DE BELAS ARTES DE SÃO PAULO) no curso específico de EDUCAÇÃO ARTÍSTICA e ao mesmo tempo passei a trabalhar como professora de Desenho Geométrico em Colégio particular. Comecei a estudar teatro, cinema, literatura, televisão, expressão corporal, música entre outras. E, no final de 1978 terminei essa 2ª graduação.

Já em 1979 (começo) Roberto é transferido novamente para o Rio de Janeiro. Voltar para perto da família é um alento. Neste mesmo ano vem a grata notícia de minha gravidez. Estávamos esperando nosso filho Fernando. No ano de 1980, o nascimento de Fernando foi um divisor de águas. O mundo se tornou “Antes de Fernando e Depois de Fernando”. O mundo adquiriu cores que não sabíamos que existia. As famílias se regozijavam com o nascimento de 2º neto.

E, para a família árabe de Roberto o 2º neto homem tomava um significado ainda maior. Coisas da cultura deles, mas o que me importava mesmo era que Fernando existia a partir de nós e pronto para ser ele mesmo no mundo. Coisa linda de se ver!

Retorno, em 1981, à Belas Artes, terminando o curso de Licenciatura em Pintura, minha 3ª graduação.

No ano de 1982 faço especialização em ARTE EDUCAÇÃO na Escola de Arte do Brasil no Largo do Boticário / Rio de Janeiro com a coordenação do Professor Augusto Rodrigues. Neste curso formamos o grupo “8 cores” e realizamos o 1º projeto de Arte EDUCAÇÃO em Comunidade de Baixa Renda. Projeto patrocinado pelo Governo Federal. Uma proposta de Interação ESCOLA/COMUNIDADE, e ficamos alojados na Escola Municipal Paula Brito cuja diretora na época nos deu completo apoio.

Precisamos também de aprovação da diretora das Escolas Comunitárias. E a diretora D. Eliza, nos aprovou com a seguinte frase: “Deixa a garotada trabalhar gente! Cada criança que eles tirarem da rua, será menos uma arma na barriga deles mesmos!” E assim iniciamos nosso projeto na comunidade de ROCINHA.

Cabem aqui muitas páginas para relatar a riqueza do trabalho realizado coletivamente, as sementes plantadas e os frutos colhidos.

Dissertar sobre as diversas atividades ampliaria muito a escrita desse texto que hora só apontamos alguns feitos: o quarto andar construído para nós em sistema de mutirão da comunidade, no prédio do Colégio M. Paula Brito, as 4 oficinas que oferecíamos, as dinâmicas em teatro, cinema, música, literatura e Artes Plásticas. Todas as oficinas eram formidáveis.

Mas a Oficina que eu orientava era a de Artes Plásticas. Numa proposta de impressões de pinturas e desenhos a partir de recortes de moldes vazados, em diversos suportes, como parede, madeira, metal, tecido, papel, vidro e outros. Desenhávamos e recortávamos os moldes vazados (silk) e ensinávamos como aplicar.

A turma era heterogenia, diferentes ideias, diferentes interesses, diferentes conhecimentos. Ótimo, era um desafio e tanto. Trabalhávamos e crescíamos coletivamente.

São inúmeras as histórias que temos a narrar, porém destaco a História de “Francisco”, o menino que me levou a acreditar mais ainda no poder de transformação que a Arte gera nas pessoas, e a me dedicar doravante ao

sistema de ensino e Arte através das Oficinas.

“Francisco” já estava rotulado de fracassado. Repetente, 14 anos, sem saber ler e escrever. Chegou na Oficina por necessidade. Frequentava a Escola pela merenda e pela bagunça. Mas na Oficina que tinha merenda, a “bagunça” era outra no aprender se divertindo com Arte.

Ele chegou na oficina e começou a aprender as técnicas. Gostou. Foi ficando e os resultados dos trabalhos cada vez melhores. Um dia nos pediu para ajudá-lo a fazer um determinado desenho do punhal pingando sangue.

Fizemos o desenho do punhal pingando sangue e transformamos em molde vaiado. A partir daí ele passou a imprimir punhais sangrentos por toda parte. Paredes, na pele, papéis, roupas, até no chão! Encheu seus corredores de punhais sangrentos.

Francisco ficou assíduo. Chegava cedo e saía no final da Oficina. Dominou as técnicas e passou a ensinar aos alunos que ainda não sabiam. Começou a receber encomendas para determinadas artes impressas. Inclusive faixas comemorativas e convocações. Só que ele não sabia ler e escrever!

Precisava o tempo todo de ajuda para compor os nomes e as frases. Daí Francisco decide que era importante saber ler e escrever e volta para a sala de aula. Não virá mais só pela merenda e bagunça possível. Entendeu que deveria ser livre e que o saber ler e escrever é libertador.

Então, Francisco volta a pedir que o ajudemos a fazer outro desenho para transformar em molde vazado e ser impresso. Tornamos a concordar. E, logo em seguida nos traz o desenho de uma águia das asas abertas pronta para alçar vôo. novamente fizemos juntos o molde vazado, agora com a águia Francisco foi alçar seus próprios vôos.

Esse episódio marcou profundamente minha vida como profissional de Arte Educação. Determinou, minha crença na Arte como elemento transformador e meu gosto pelo sistema de ensino através das Oficinas.

Esse trabalho foi desenvolvido em muitas outras comunidades de baixa renda ao longo de minha carreira como professora e, que as realizo até hoje, sendo agora, na Colônia de Pescadores de Piratininga.

No ano de 1985 realizo concurso para a Rede Estadual de Ensino. Passo em 2º lugar para a Baixada Fluminense. Início então o trabalho como Arte Educadora na Escola Estadual São Bernardo próxima à Nova Iguaçu,

com alunos do Fundamental II.

Neste mesmo ano, passo a integrar o quadro de funcionários da Aeronáutica como Técnica de Assuntos Culturais na recém-inaugurada Casa Gerontológica da Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes / CGABEG, para orientar um atelier de Arte para os idosos. Depois de concurso interno sou efetivada.

No ano de 1985 reingresso na UFRJ agora para fazer a faculdade de Ciências Sociais, mas após curto período, precisei trancar para melhor cuidar da família.

Em 1987 fui transferida para o CBNB, e passo a lecionar ED. ARTÍSTICA para as turmas, principalmente FUND II e ENS. MEDIO. Permaneço em sala de aula por cerca de 20 anos, fazendo parte da equipe de Arte com prof. Léa, prof. Ilda, prof. Mauro, prof. Ricardo e outros.

No ano de 1988 me divorcio do 1º marido, pai de meu único filho, saio da Tijuca e passo a morar em Niterói, Região Oceânica, Piratininga, próximo à minha família.

Em 1990 ingresso no Curso de Escultura Contemporânea do Museu do Inga/NIT/RJ e começo a participar de exposições de Artes Visuais participando, em geral, com a categoria Instalações.

Participo de cursos na ESCOLA DE ARTES VISUAIS no Parque Lage, em ESTÉTICA com Fernando Cocchiarale e 3D ESCULTURA CONTEMPORÂNEA com Yole de Freitas. Passo a integrar o grupo para o Curso de Aprofundamento em Arte Contemporânea, no Espaço Cultural Paschoal Carlos Magno, em Niterói, com professores da ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.

No ano de 1994 fui convidada pelo Artista Visual WILAMAR MADRUGA a participar de projeto de Arte EDUCAÇÃO na Casa da PAZ em Vigário Geral, aplicando o sistema de Oficina de Arte. O mesmo princípio que aconteceu na Rocinha foi realizado para a garotada da Casa da Paz. Inclusive estampando as roupas e os Instrumentos do grupo, ainda iniciante, AFROREGGAE.

O coordenador do projeto Casa de Paz era Caio Ferraz, sociólogo nascido em Vigário Geral. Acabou tendo que pedir asilo político para ele e toda a família nos EUA, tamanha a violência que continuava rondando a realização dos trabalhos do projeto. Ele sai do Brasil em 1995.

Neste espaço de trabalho, a violência era frequente. Vivenciamos diversos tiroteios e fomos invadidos tanto por policiais quanto por bandidos. Essa instabilidade, ainda assim, não impediu resultados importantes nos trabalhos com exposição realizadas e pinturas coletivas nas paredes da comunidade. Ainda assim, durou menos tempo do que gostaríamos, um ano no máximo.

Também fiz parte do Grupo de estudos para Arte Pública coordenado por Guilherme Vergara, então Diretor do Museu de Arte Contemporânea de Niterói / RJ, com propósito de criar e expor obras dos artistas que participam do grupo, pelos espaços públicos da cidade.

Durante as reuniões brota a proposta de também realizarmos outro projeto. Um projeto que envolvesse jovens de comunidades de baixa renda e em situação de risco, em atividades artísticas educativas oferecidas pelo MUSEU de ARTE Contemporânea / MAC. AAA (ARTE AÇÃO AMBIENTAL). E, no ano de 1997 passo a fazer parte do grupo de formação do Projeto Arte Ação Ambiental. Passamos a elaborar todo o Projeto.

Em 1998 Iniciamos o projeto AAA e oriento por 11 anos a Oficina de Papéis Artísticos Artesanais para um grupo de jovens da Comunidade do Morro do Palácio. Esta oficina foi uma das oficinas do projeto que envolvia Reforço Escolar, Arte Contemporânea com os Jogos Neoconcretos, Comunicação, Paisagismo, entre outras.

A 1ª condição de participação era o jovem estar matriculado regularmente em Escola da Rede de Ensino. As oficinas tiveram início nos espaços (ainda vazios) do próprio MAC, recém-inaugurado, e nas salas do Setor EDUCATIVO.

Assim, o espaço que viria a ser o Restaurante do MAC, se tornou nosso imenso Lugar de trabalho, sendo ali montada a 1ª oficina OPAA (Oficina de Papéis Artesanais) – OBS.: Montamos + 3 oficinas para trabalharmos. Iniciamos com um grupo de 40 jovens adolescentes entre meninos e meninas, ávidos por conhecimentos, olhos curiosos sobre a Arte e felizes por receber uma bolsa de ajuda financeira.

Nosso primeiro patrocinador foi o Programa Comunidade Solidária coordenado por D. Ruth Cardoso, esposa do presidente Fernando Henrique.

Esse projeto AAA e os 11 anos que coordenei a OPAA, eu poderia escrever um livro para fazer juz à importância que teve para mim, enquanto ser humano e profissional de Arte e para os jovens da comunidade que se

envolveram com tamanha seriedade e que hoje dão continuidade aos propósitos do projeto, fazendo da Arte a base de suas movimentações no mundo. Gratidão imensa por ter sido parte dessa história.

Em 2003 me caso com Ronaldo Affonso, biólogo, apaixonado pelo universo do meio ambiente, que determinará mudanças em minhas rotinas citadinas.

No ano de 2003 o Colégio Estadual Leopoldo Fróes passa a oferecer laboratório de Informática como parte das possibilidades pedagógicas para professores e alunos. Isto nos entusiasmou porue vi a possibilidade de ampliar os conhecimentos na nova área. Realizo então a ESPECIALIZAÇÃO LATU SENSU em INFORMÁTICA EDUCATIVA, na UNI CARIOCA / RJ, tendo como objeto de pesquisa a aplicação da INFORMÁTICA EDUCATIVA à oficina de papéis artísticos artesanais.

Figura 2: Certificados de conclusão dos cursos de Graduação e Especialização



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Em 2010, ano do JUBILEU DE OURO DO CBNB Eu e o também professor de Arte, Ricardo Carmo, apresentamos o projeto de criação de um Centro de Memória para o CBNB, ao então Diretor Geral Luiz Otávio Ebendinger. O projeto foi aprovado e é organizado então a 1ª sala do Centro de Memória numa salinha cedida, no Corredor Cultural do Colégio. Sua Inauguração fez parte das comemorações dos 50 anos do CBNB.

O Centro de Memória, Espaço Histórico Pedagógico e Cultural, que passo a coordenar, funciona como tal há 15 anos, com a missão de resgatar, cuidar e acessar a história do CBNB para iluminar esse nosso passado, entender a importância dessa história para o nosso presente, ampliar o sen-

timento de pertencimento ao CBNB e baseados nisso tudo, melhor construir nossas continuidades e futuro.

Figura 3: Centro de Memória do CBNB



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Desta forma, além dessa conversa importante com o passado histórico do colégio, temos como parte de nossos objetivos registrar, bem preservar e acessar a história atual, que vai ocorrendo ao longo de eventos do cotidiano do CBNB, que são momentos especiais e que mostram que a história se constrói na riqueza do dia a dia.

O Centro de Memória é um espaço dinâmico, onde alunos, profissionais e visitantes se sentem acolhidos. Ali realizamos, além das orientações às visitas ao nosso acervo, palestras, cursos, lançamento de livros e aulas específicas com projetos realizados junto dos professores, seus alunos e outros.

Nosso acervo fica disponível para pesquisas de estudiosos nos assuntos referentes ao CBNB e sua história. Assim temos a doação da Dissertação de Mestrado da professora Maria Cristina Gerin e as Teses de Mestrado e Doutorado da professora Jussara Cassiano Nascimento, nossa parceira e futura coordenadora do Centro de Memória, pelo qual demonstra ter um olhar especial e cuidadoso há tempos, realizando inúmeros e importantes eventos, aulas e cursos ali conosco.

O Centro de Memória, desde sua inauguração, tem contado com o apoio de todos os diretores que sucederam à direção de 2010. Cada um deles muito contribuiu para melhor organização e crescimento de nosso espaço. E não está sendo diferente na atual direção geral na pessoa do Brigadeiro MARRA que apoia e impulsiona de maneira especial, a aplicação das

tecnologias atuais ao ensino no CBNB. O Centro de Memória, fazendo parte também desse projeto, com certeza, já está e estará cada vez mais evoluindo em ser um espaço dinâmico, histórico, pedagógico e cultural.

O Centro de Memória, no seu caminhar de 15 anos e 4ª sala de funcionamento, pôde contar com outros parceiros por afinidade como civil Deise, Prof. Samira, SO Villarinho, SO Cláudia e, oficialmente, a professora Zulmira Maria Marques de Pinho.

Todos dão importante contribuição para um melhor desempenho e funcionamento desse espaço especial no CBNB. Hoje contamos com a presença do recém-chegado SO André que, graduado em cinema e dedicado às atuais tecnologias, muito já está contribuindo para a continuidade do crescimento do Centro de Memória, inclusive com a proposta de digitalização do nosso acervo, o que facilitará em muito o acesso e a preservação.

A história do Centro e Memória no CBNB merece um capítulo à parte por tantos acontecimentos envolvidos e tanta importância tem conquistando no CBNB. Registro aqui também minha gratidão por fazer parte dessa história e ser co-responsável por sua existência.

Figura 4: lançamento de livros



Fonte: arquivo pessoal da autora

No ano de 2016 me aposentei na Rede Estadual de Ensino após 31 anos em sala de aula como ARTE EDUCADORA, porém participei de vários cursos buscando ampliar ainda mais meus conhecimentos:

2019 – Participei do Curso no Atelier de Gravura, orientado pelo artista visual Roberto Tavares, do Centro Cultural Calouste Gulbenkian.

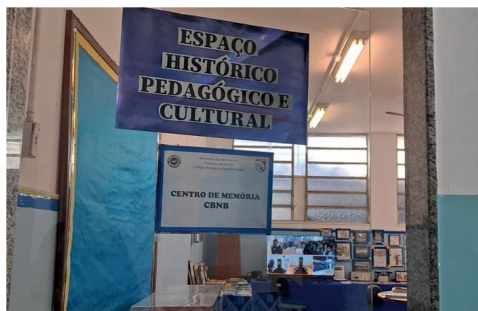
2020 – Curso online (período de pandemia) da ESCOLA DAS ARTES VISUAIS do Parque Lage intitulado “Pesquisa de Linguagens Espaço e tempo”.

Integro o Grupo de estudo em Processos de Criação na Arte Contemporânea orientado pelo professor Doutor João Wesley.

Após a pandemia, a professora Doutora Jussara Cassiano Nascimento, que já tinha iniciado um grupo especial de estudo com os professores do Fund I do CBNB abre inscrições para outros profissionais da casa. Me interessei e me inscrevo no Grupo de Estudos e Pesquisas Práticas e Saberes Docentes (GEPSAD). A partir de então, temos encontros online quinzenais, onde estudamos e discutimos assuntos pedagógicos atuais que nos desafiam e entusiasmam dar continuidade ao nosso desenvolvimento enquanto seres humanos, enquanto profissionais e na aplicação de tais conhecimentos a bem da educação nos colégios onde atuamos, em especial no CBNB.

Finalizo aqui minhas narrativas dos caminhos de estudos e de trabalhos que percorri a partir do aprendizado e das leituras de mundo que fiz. GRATIDÃO!!

Figura 5: Centro de Memória do CBNB.



Fonte: arquivo pessoal da autora